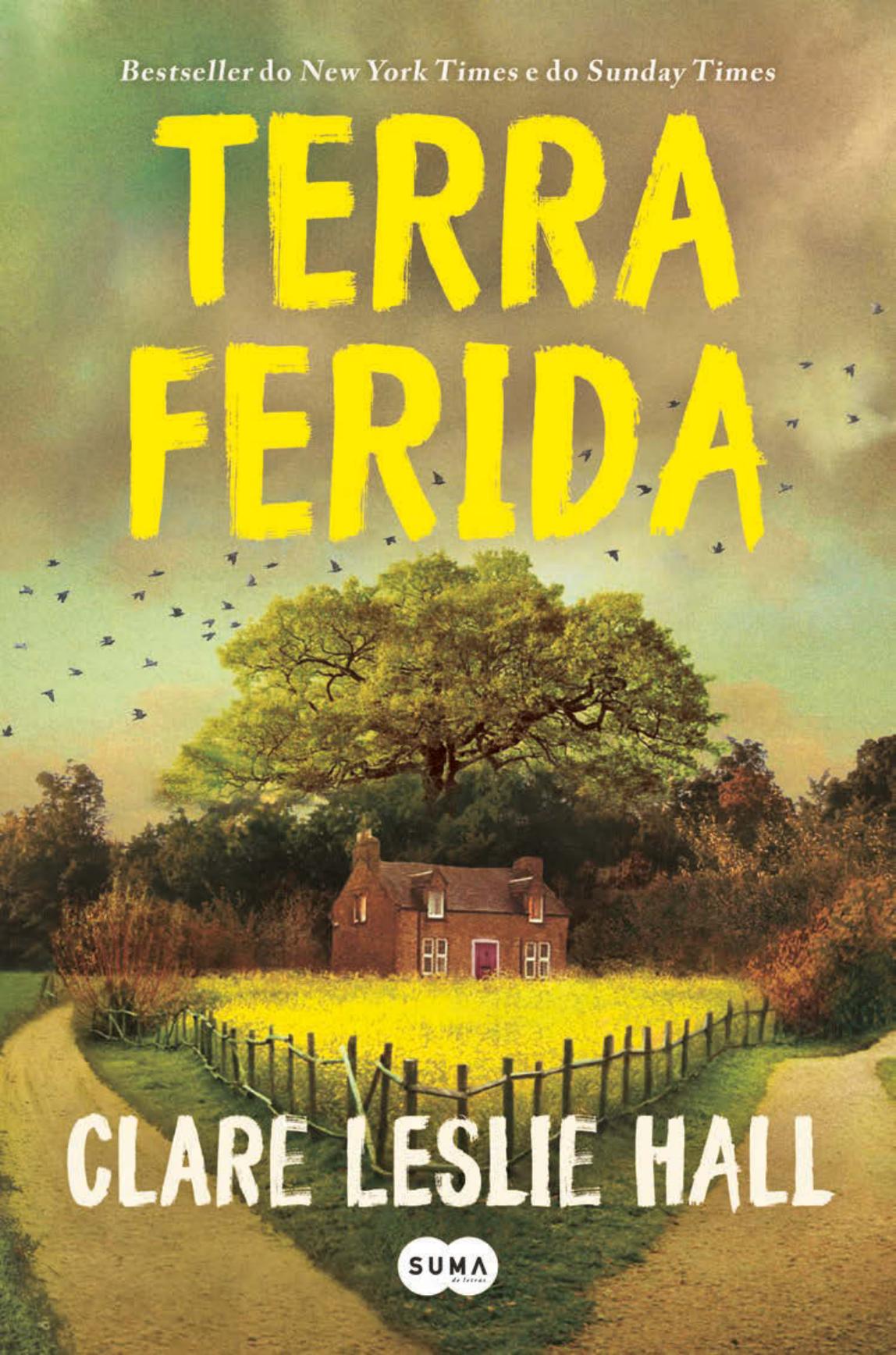


Bestseller do New York Times e do Sunday Times

TERRA FERIDA

The background of the cover is a lush, rural landscape. In the center, a two-story brick house with a red door and white window frames is nestled behind a large, leafy tree. In front of the house is a vibrant field of yellow wildflowers. A wooden fence runs across the foreground, separating the field from a dirt path that curves through the scene. The sky is a soft, hazy greenish-yellow, filled with numerous small birds in flight.

CLARE LESLIE HALL

SUMA
de letras

Para o Jake, a Maya e o Felix, as minhas três estrelas

Primeira Parte

Gabriel

O agricultor está morto, morto, e o que todos querem saber é quem o matou. Terá sido um acidente ou um assassinio? Parece homicídio, dizem, com aquele disparo no coração, tão preciso que deve ter sido intencional.

Aguardam que eu fale. Dois pares de olhos implacáveis. Mas como posso dizer-lhes o que ele quer que eu diga, as palavras que ensaiámos vezes sem conta nos minutos que antecederam a chegada da polícia?

Abano a cabeça, preciso de mais tempo.

É verdade o que se costuma dizer: pode reviver-se uma vida inteira num instante derradeiro. Voltamos a ser esse rapaz e essa rapariga com tudo pela frente, um longo esplendor de luz e beleza assombrosa, de noites sob as estrelas.

Ele aguarda que o encare e, quando o faço, sorri para me mostrar que está bem, com um breve aceno de cabeça.

Di-lo, Beth. Di-lo agora.

Olho de novo para o seu rosto, belo para mim nessa altura, agora e sempre, um último olhar entre nós antes de tudo mudar.

1968

Hemston, North Dorset

— O Gabriel Wolfe voltou para Meadowlands — diz o Frank, o nome a deflagrar diante de mim ao pequeno-almoço. — Divorciado, agora. Só ele e o filho, naquela casa enorme.

— Oh.

Parece a única palavra que tenho.

— Foi o que pensei — diz o Frank. Levanta-se do seu lado da mesa e aproxima-se do meu, pega-me no rosto com as mãos e beija-me. — Não vamos deixar que aquele cretino nos cause qualquer sofrimento. Não vamos ter nada que ver com ele.

— Quem te contou?

— Foi tema de conversa no bar, ontem à noite. Ao que parece, foram precisos dois camiões gigantescos para trazer todas as coisas deles de Londres.

— O Gabriel detestava viver aqui. Porque haveria de voltar?

O nome parece-me estranho na língua, é a primeira vez em anos que o digo em voz alta.

— Não há mais ninguém para tomar conta da casa. O pai já morreu há muito tempo, a mãe está do outro lado do mundo. Com sorte, enterrada até ao pescoço em merda de dingo.

O Frank consegue sempre fazer-me rir.

— Mas o que há aqui para ele? — continua o Frank, casualmente, mas vejo-o, o pensamento não verbalizado que lhe passa pela cabeça. *Além de ti.* — Provavelmente irá vender tudo

e mudar-se para Las Vegas ou Monte Carlo, ou por onde quer que... — tenta encontrar a palavra certa, parecendo satisfeito consigo mesmo quando a encontra — *as celebridades* andem.

O Frank passa todas as horas do dia e algumas da noite na quinta, a tratar dos animais e a cuidar da terra. Trabalha mais do que qualquer outra pessoa que conheço, mas tem sempre tempo para reparar na beleza de um pôr do sol primaveril ou no súbito e vertiginoso voo de uma cotovia; a sua sintonia com o clima e a vida selvagem está-lhe bem entranhada nos ossos. Uma das muitas coisas que adoro nele. O Frank não tem tempo para ler romances ou ir ao teatro. Não reconheceria um *dry martini* nem que alguém lhe atirasse um à cara. É a antítese do Gabriel Wolfe, ou, pelo menos, daquele sobre o qual lemos nos jornais.

Vejo o meu marido encostar-se à porta para calçar as botas. Dentro de vinte minutos, a sua pele estará permeada, com três camadas de profundidade, do cheiro a estrume de vaca.

Uma batida forte à porta, do outro lado, faz o Frank sobressaltar-se.

— Raios partam — diz, abrindo-a tão depressa que o irmão se precipita para dentro da divisão.

As nossas manhãs começam invariavelmente desta forma.

O Jimmy, ainda corado da cerveja da noite anterior, com os olhos semicerrados, uma madeixa de cabelo espetada, como se tivesse aplicado gel, diz:

— Aspirina, Beth? A minha cabeça parece que vai explodir!

Tiro a caixa de medicamentos da cómoda, onde se encontra guardada principalmente para as ressacas do Jimmy. Em tempos, esteve cheia de paracetamol para crianças e pensos de emergência.

O Frank e o Jimmy têm uma diferença de cinco anos, mas são tão parecidos que, ao longe, até eu tenho dificuldade

em distingui-los. Têm mais de um metro e oitenta, cabelo escuro, quase preto, e olhos tão azuis que é frequente as pessoas fitarem-nos duas vezes. Os olhos da mãe, dizem-me, embora nunca tenha tido a oportunidade de a conhecer. Estão ambos com calças de bombazina surradas e camisas grossas, que em breve serão cobertas pelo fato de trabalho azul-marinho, que é o seu uniforme diário. Na aldeia, por vezes chamam-lhes «os gémeos», mas apenas na brincadeira; o Frank é nitidamente o irmão mais velho.

— O que é que aconteceu ao «Vou só acabar esta cerveja e marcho para casa»? — pergunta o Frank, sorrindo para o Jimmy.

— A cerveja é a recompensa de Deus por um dia de trabalho esforçado.

— Isso é da Bíblia?

— Se não é, devia ser.

— Estaremos nos cordeiros ao meio-dia. Encontramo-nos lá? — grita-me o Frank quando saem porta fora, ainda a rir, a atravessar o pátio.

Com os homens a tratar da ordenha e fora da cozinha, há muitas tarefas para concluir. Lavar — exaustivamente — os fatos de trabalho dos dois irmãos, de molho e à minha espera na tábua de esfregar. Lavar a louça do pequeno-almoço. Um chão que precisa sempre de ser varrido, por mais vezes que lhe passe a vassoura.

Em vez disso, faço mais café, visto um velho casaco impermeável do Frank e sento-me à pequena mesa de ferro forjado a contemplar os nossos campos, até que o meu olhar encontra o seu alvo: três chaminés vermelhas de diferentes alturas a espreitar por cima das copas dos carvalhos verdes, no horizonte.

Meadowlands.

Antes

1955

Não me apercebo de que estou a invadir propriedade privada, estou perdida num mundo de sonhos, com a cabeça cheia de cenários românticos em que triunfo. Imagino-me junto a uma fonte com uma orquestra em pleno andamento, a receber uma declaração de amor apaixonada. Por esta altura, leio muito Austen e Brontë, tenho tendência para embelezar as coisas.

Devia estar a olhar para o céu, com a cabeça nas nuvens, literalmente: a colisão surge do nada.

— Mas que raio?

O rapaz com quem esbarro, com o ombro a embater no meu, não é nenhum herói. Alto, esguio, arrogante, como um Mr Darcy adolescente.

— Não estás a ver? — diz. — Isto é propriedade privada.

Acho um pouco absurda toda essa coisa da «propriedade privada», sobretudo quando é acompanhada de uma pronúncia bem marcada como aquela. Este prado em que estamos, verde e inclinado, carvalhos com as copas em forma de nuvem, é a Inglaterra em toda a sua glória. É Keats, é Wordsworth. Devia ser para todos poderem apreciar.

— Estás a sorrir? — Parece tão irritado que quase me rio.

— Estamos no meio do nada. Não há mais ninguém aqui. Como poderá isso importar?

O rapaz olha-me fixamente por um momento, antes de compreender o que eu disse.

— Tens razão. Meu Deus. O que se passa comigo? — Estende a mão, uma oferta de paz. — Gabriel Wolfe.

— Sei quem tu és.

Ele olha para mim, expectante, à espera do meu nome. Mas ainda não me apetece dizer-lho. Já ouvi falar do Gabriel Wolfe, o rapaz da casa grande, famoso pela sua beleza, mas é a primeira vez que o vejo em carne e osso. Tem um rosto bonito: olhos escuros emoldurados por pestanas que as minhas amigas matariam para ter, cabelo castanho ondulado que lhe cai sobre a testa, maçãs do rosto afiladas, nariz elegante. Um tipo de beleza patricia, suponho que se poderia definir assim. Mas usa umas calças de *tweed* enfiadas em meias de lã. Sobre os ombros, como uma capa, tem um casaco de *tweed* a condizer, com o cinto pendurado. Roupa de velho. Não é de todo o meu género.

— O que estavas a fazer aqui?

— Estou à procura de um sítio para me sentar a ler. — Tiro o meu livro do bolso do casaco, um pequeno exemplar de Emily Dickinson.

— Ah. Poesia.

— Pareces um pouco desiludido. P. G. Wodehouse é mais o teu género?

Ele suspira.

— Sei o que estás a pensar. Mas estás enganada.

Estou a sorrir outra vez, não consigo evitar.

— O quê, consegues ler os pensamentos?

— Pensas que sou um idiota desmiolado da classe alta. Um Bertie Wooster.

Inclino a cabeça e avalio-o.

— Tens de reconhecer que ele iria adorar o teu fato. Diria que é esplêndido.

Quando o Gabriel se ri, isso muda-o completamente.

— São as calças velhas de pesca do meu pai. Surripiei-as de uma caixa de coisas que iam para a venda de velharias. Não as teria usado se soubesse que ias ficar tão mal impressionada.

— É isso que estás a fazer, a pescar?

— Sim, ali em baixo. Mostro-te, se quiseres.

— Pensava que estava fora de acesso para alguém da plebe, como eu.

— Vês, é por isso que tens de vir. Fui mal-educado e gostava de te compensar.

Permaneço diante dele, insegura. Não quero ser apanhada em algo de que seja difícil sair. Só queria um sítio bonito para me sentar a ler.

Ele sorri de novo, aquele sorriso que lhe transforma o rosto. Bem-parecido, mesmo no seu fato de velho.

— Tenho bolachas. Vem, por favor.

— Que tipo de bolachas?

O Gabriel hesita.

— De manteiga, com recheio de baunilha.

Fonte, orquestra. Lago, bolachas. Não é assim tão mau.

— Bem, nesse caso... — digo, e é assim que começa.

1968

De todas as estações do ano, a primavera, sobretudo no início, quando o ar está frio e os pássaros começam a voar e os campos estão cheios de cordeiros, sempre foi a minha preferida. O Bobby era louco pelos nossos cordeiros. Alimentava as crias ano após ano a biberão, era o seu trabalho, não deixava que ninguém lhes tocasse, até faltou à escola uma vez para o fazer. Um rapaz vivaço, que usava calções durante todo o inverno e não vestia casaco, mesmo quando a diretora o mandava ir a casa buscar um. Um menino de ouro, que cantava tanto quando era pequeno que lhe chamávamos Elvis. Era alto e magro, com cabelo castanho espetado, como o do tio.

O Jimmy tem o rádio portátil a tocar, consigo ouvi-lo muito antes de chegar ao celeiro de chapa. São os Beatles. «Hello, Goodbye», no volume máximo. Não é muito pastoril, mas está claramente a resultar para a ressaca do Jimmy. Observo-o quando entro pelo portão, no cimo do campo, tem uma mão apoiada no traseiro de uma ovelha, as ancas a balançar de um lado para o outro, o pé esquerdo a abanar.

— Onde está o Frank? — pergunto, e o Jimmy aponta para o fundo do campo.

Juntos, ficamos a ver o meu marido saltar a vedação. Um braço forte colocado na trave superior, o corpo a balançar num ângulo reto antes de a transpor como um atleta olímpico.

Vejo-o fazer isto quase todos os dias, mas continua a provocar-me uma pequena onda de prazer, a jovialidade de um homem cuja vida é dominada pelo trabalho árduo.

Ele caminha pelo campo na nossa direção, balançando os braços energicamente; mesmo daqui, sei que está provavelmente a assobiar. Este é o sítio onde o Frank mais gosta de estar.

A maioria das nossas ovelhas já deu à luz, temos quarenta e seis cordeiros a pastar e uma mão-cheia ainda nos estábulos. Apenas um a ser alimentado a biberão e um nado-morto. O Frank e o Jimmy analisam as ovelhas prenhes, encostando as palmas das mãos às suas barrigas para sentir se algum dos cordeiros estará mal posicionado, examinando-as de trás para ver se já há sinais de nascimento. É mais instinto do que qualquer outra coisa; fá-lo-iam de olhos fechados. O Jimmy é o mais delicado, conversa com as ovelhas enquanto trabalha, dá-lhes uma bolacha *Rich Tea* quando termina. O Frank está sempre com pressa, uma lista interminável de tarefas na cabeça, um cérebro que contém demasiado.

— Achas que podemos acabar com o encontro de mães e continuar? — diz o Frank, e o Jimmy revira os olhos.

— É mesmo mandão, não acham? — pergunta ele às ovelhas.

As ovelhas dispõem de um campo comprido e inclinado só para elas, mas não se espalham muito, estão sempre agrupadas aqui em cima, junto ao celeiro. Dentro de uma semana, mais ou menos, os cordeiros tornar-se-ão mais independentes, e é nessa altura que começam a correr numa direção ou noutra, com as pernas finas a dobrarem-se. A fase de que o Bobby mais gostava. Era um rapaz da quinta, compreendia como tudo funcionava, mas todos os anos ficava de coração partido quando chegava a altura de enviar os seus bebés para o mercado.

Não sei qual de nós ouve o ladrar primeiro. Viramo-nos para um *lurcher* de pelo dourado que vem a correr na nossa direção. Um cão errante, sem dono, a atacar os nossos cordeiros.

— Desanda daqui! — O Frank tenta bloquear o *lurcher*. Tem um metro e oitenta, é largo e feroz, mas o cão contorna-o, precipitando-se para o meio das nossas ovelhas.

As ovelhas gemem, as pequenas crias balem de medo; têm apenas alguns dias de vida, mas pressentem o perigo. O cão muda de atitude. Olhos negros, dentes à mostra, corpo rígido de adrenalina.

— A arma, Jimmy! Já! — grita o Frank, e o Jimmy vira-se e corre para o barracão.

É rápido, o Frank, a correr em direção ao cão com o seu rugido primitivo, mas o cão é mais célere. Apanha um cordeiro e abocanha-o pelo pescoço, rasgando-lho. O vermelho terrível do seu sangue, um jato de carmesim, espalha-se na relva. Um cordeiro, dois cordeiros, depois três, as entranhas a jorrar como se de um sacrifício se tratasse. As ovelhas estão agora a fugir para todo o lado, a tropeçar, cegas de terror, com os recém-nascidos expostos.

Corro para o cão, a gritar, a tentar apanhar os cordeiros, mas ouço o Jimmy aos berros:

— Sai da frente, Beth! Sai da frente!

E depois o Frank agarra-me nos seus braços com tal força que estou encostada ao seu peito e consigo sentir o palpitar do seu coração. Ouço o tiro e depois outro, e o rápido e indignado uivo de dor do cão. Acabou.

— Raios partam! — exclama o Frank, afastando-se e olhando para o meu rosto, pousando a palma da mão sobre a minha face.

Caminhamos para junto do cão, nós os três, a murmurar e a chamar as ovelhas:

— Venham, meninas. — Mas elas tremem e balem, mantendo distância dos três cadáveres das crias.

Do nada, como uma miragem, surge um rapaz a correr pelo campo. Pequeno e magro, de calções. Talvez dez anos.

— O meu cão — grita ele.

A sua voz muito doce e aguda.

— Porra — diz o Jimmy, no preciso momento em que o rapaz vê o monte de pelo ensanguentado e grita:

— Mataste o meu cão!

O pai dele está ali agora, ofegante e corado, mas pouco diferente do rapaz que conheci.

— Oh, meu Deus, mataste-o!

— Teve de ser. — O Frank gesticula para os cordeiros esquarterjados.

Acho que o Gabriel não faz ideia de quem é o Frank, ou pelo menos de com quem está casado, mas depois vira-se e vê-me. Por momentos, o pânico passa-lhe pelo rosto antes de se recompor.

— Beth — diz.

Contudo, ignoro-o. Ninguém está a olhar pelo rapaz. Encontra-se ao pé do cão, com as mãos a tapar os olhos, como se quisesse apagar o horror.

— Vem cá. — Em segundos estou ao lado dele, com as mãos nos seus ombros. E depois ajoelho-me à sua frente e envolvo-o nos meus braços. Ele começa a chorar. — Chora tudo — digo-lhe. — Chorar vai ajudar.

Ele afunda-se contra mim, agora em pranto, um rapaz de calções nos meus braços.

E é assim que tudo começa de novo.

O julgamento

Old Bailey, Londres, 1969

Nada me poderia ter preparado para a agonia de ver o homem que amo sentado no banco dos réus, ladeado por dois guardas prisionais, enquanto aguarda o veredicto.

Um homem acusado de um crime impensável.

Nunca levanta os olhos para a galeria para procurar o meu rosto e também não fita os jurados. Não os observa, como eu faço, examinando cada um deles, com o pânico a latejar em mim, enquanto me pergunto: será que esta mulher de ar cansado e cabelos brancos vai acreditar na sua inocência? Será este homem de meia-idade, com o seu fato de banqueiro, camisa azul com colarinho e punhos brancos, quem vai votar contra ele? O jovem de cabelo pelos ombros, que parece mais simpático do que os outros, poderá ser nosso aliado? Na sua maioria, são inescrutáveis, os sete homens e as cinco mulheres que têm o seu destino nas mãos. A minha irmã diz que é bom que haja muitas mulheres. São mais compassivas, diz ela, por norma. Sinto-me como se me estivesse a agarrar a uma esperança vã, mas uma parte de mim espera que as juradas possam compreender a paixão que nos fez arriscar tudo.

Depois de meses a falar sobre o assunto, o julgamento começou. Tudo nesta sala de audiências parece sublinhar a gravidade da nossa situação: o teto alto e as paredes com painéis de madeira; o juiz, resplandecente de vermelho na cadeira de

espaldar alto, como um rei no seu trono, enquanto analisa o tribunal; por baixo dele, os advogados de peruca e toga preta, a examinar os papéis enquanto esperam que o processo comece; e o funcionário do tribunal, calmamente pomposo, diante do banco dos réus, a fazer a sua arrepiante proclamação:

— É acusado de homicídio...

A bancada de imprensa está cheia de jornalistas em casacos de *tweed* e gravatas, sem uma única mulher entre eles. E depois há a galeria, onde estou sentada com a Eleanor, entre todos os curiosos. Ainda não há muito tempo, partilhava a sua sede de drama humano. Com que avidez acompanhei o escândalo do Caso Profumo e o subsequente julgamento de Stephen Ward. Lembro-me, como se fosse ontem, das fotografias de Christine Keeler e Mandy Rice-Davies a saírem do tribunal, de como estavam elegantes, de como, ainda assim, a imprensa conseguiu denegri-las e rebaixá-las.

É muito diferente quando o prisioneiro no banco dos réus é a pessoa que amamos. *Olha para cima. Por favor, meu amor.* Tento falar com ele telepaticamente, como fazíamos sempre, mas ele fita o espaço em frente com os seus olhos estranhos e vazios. A única indicação da angústia que sei que está a sentir — experimentada em todos os momentos desde então — é o maxilar furiosamente cerrado. Para alguém de fora, talvez pareça hostil, mas sei que não é o caso. É a única forma de não se permitir chorar.

Antes

Se tivesse de pintar um quadro de um lago inglês clássico, seria parecido com o de Meadowlands.

A superfície está coberta de nenúfares, cujas flores são um punhado de branco e cor-de-rosa com centros amarelos. No extremo oposto, um par de salgueiros alonga-se sobre a água e três cisnes brancos deslizam na nossa direção numa linha uniforme, como se os espaços entre eles tivessem sido medidos com uma régua.

O Gabriel instalou-se com uma manta, um cesto de piquenique e uma cadeira de lona dobrável, à qual estão encostadas duas canas de pesca. Faz um gesto para a cadeira.

— Senta-te. — Mas opto por me instalar ao lado dele na manta. Do cesto, tira um termo com chá com um padrão axadrezado e um pacote de bolachas *Garibaldi*.

Arqueio as sobranceiras e ele sorri.

— Achei que não virias se te dissesse que eram bolachas com passas.

Observo-o a deitar chá numa caneca de lata branca com um rebordo azul-marinho. Tem umas mãos bonitas, com dedos longos e elegantes. Adiciona leite e açúcar sem me consultar e passa-me a caneca.

No outro lado do lago, perto dos salgueiros, há uma tenda caqui de aspeto antigo, daquelas que se veem nos filmes de

safaris. Consigo imaginar Grace Kelly sentada ali fora, a beber um *gin* tónico, com uma camisa elegante enfiada numas calças beges.

— Para que serve a tenda?

— Acampo aqui no verão. Acordo e vou nadar todas as manhãs. Frito *bacon* e ovos num fogãozinho portátil.

Parece-me estranho que um rapaz que mora numa casa do tamanho de Meadowlands opte por viver de forma mais precária debaixo de uma lona.

Como toda a gente na aldeia, fui a Meadowlands para a festa anual de verão. Comi fatias de bolo Vitória na tenda do chá, atei-me com uma corda à minha irmã para a corrida de três pernas, fiquei em penúltimo lugar no concurso do ovo e da colher. Vi a mãe do Gabriel, a Tessa, vestida como uma modelo, preto da cabeça aos pés, a sua indumentária primorosamente confeccionada mais adequada para Paris do que para Hemston; um chapéu de abas largas, óculos de sol enormes; os lábios escarlates eram o seu único toque de cor. Comparada com todas as outras mães, nos seus vestidos simples estampados e sandálias, parecia sempre exótica e inalcançável. Consigo visualizar o pai dele, o Edward, de fato e óculos, muito mais velho, a atirar bolas para derrubar cocos.

Do que não me consigo lembrar é do Gabriel.

— Porque é que nunca te vi na festa da aldeia?

— Estava sempre fora, na escola. Mas agora já não. Fiz o último exame há duas semanas. Três meses em casa antes de ir para a universidade, não sei se vou aguentar.

Faço um gesto para a vista. A água cintilante e as árvores suspensas, as suas folhas refletidas numa imagem espelhada de ouro emplumado. O pontilhado irregular de branco e cor-de-rosa.

— Quão difícil poderá ser?

Ele olha para mim e depois encolhe os ombros.

— Não é uma história triste, se é isso que queres dizer. Sei que tenho muita sorte. Mas vivi a maior parte da vida num colégio interno. Não conheço ninguém da minha idade aqui. Suponho que o que estou a dizer é que não gosto muito de estar em casa.

— E os teus pais? Não te dás bem com eles?

Ele move a mão num gesto de «mais ou menos».

— O meu pai é calmo, estudioso, passa a maior parte do tempo fechado no escritório, a ler; não sei bem como foi acabar com a minha mãe. Deve ter sido um momento de loucura, acho eu. Não poderiam ser mais diferentes. Ele não me pergunta nada, ela nunca me deixa em paz. Quer saber todos os pormenores da minha vida, quem são os meus amigos, para que festas fui convidado, se tenho namorada. Sobretudo isso. Tem um fascínio estranho pela minha vida amorosa. E pode ser difícil. Especialmente quando bebe, o que acontece quase sempre.

Conheci o Gabriel há quinze minutos, talvez menos, mas já me consigo sintonizar com as palavras que ele não diz. Consigo imaginá-lo com dez ou doze anos, sentado ao lado de uma árvore de Natal alta e requintadamente decorada, rodeado de presentes, mas deseioso de outra coisa: de brincadeira e caos e galhofa.

Quando começo a falar da minha família, vejo a tristeza no rosto do Gabriel. Falo-lhe da minha irmã, que está pres-tes a terminar o primeiro ano como secretária num escritório de advogados em Londres. Os seus dias podem ser passados a escrever atas para homens de pavio curto, mas à noite explora Londres em toda a sua glória de pós-guerra. Escreve-me sobre os clubes de *jazz* no Soho e os antros de álcool fora de horas, os passeios de madrugada pelo mercado das flores em

Covent Garden, acordando horas mais tarde, num quarto repleto de rosas vermelhas.

Para uma rapariga do campo, a vida que a minha irmã leva parece ser de uma cor e de uma riqueza inigualáveis; mal posso esperar para me juntar a ela.

Conto ao Gabriel que passámos a maior parte da nossa adolescência debruçadas à janela do quarto da Eleanor, a partilhar cigarros roubados do maço de *Benson & Hedges* do nosso pai, a partilhar devaneios.

— Com que sonham as raparigas adolescentes? Com o James Dean? O Marlon Brando?

— Somos um pouco mais intelectuais do que isso — digo imediatamente, na defensiva.

Mas o Gabriel tem razão, falávamos sobretudo de rapazes e de amor.

— E — olha para cima, como se estivesse a examinar o fino rasto de nuvens por cima de nós — havia algum simples mortal nesses vossos sonhos? Suponho que estou a perguntar se há alguém em particular de quem gostes...

Na verdade, há, mas não o vou revelar ao Gabriel. Há muito pouco para contar. Um rapaz que apanha o mesmo autocarro que eu para a escola e que me sorri sempre. Um rapaz alto, largo e bem-apeesoado, que parece demasiado grande para o uniforme; como se um dia fosse explodir de dentro dele. A sua pele está sempre queimada pelo sol dos fins de semana de trabalho na quinta da família. Fez saber, à moda antiga, passando informação dos seus amigos para os meus, que gostava de me levar a sair um dia. Insinuei de volta que, se me convidasse, eu provavelmente aceitaria.

Parece mais simples fugir à pergunta.

— Na maior parte das vezes, inventávamos futuros uma para a outra. Os sonhos que eu imaginava para a Eleanor eram

sempre mais elaborados do que os que ela inventava para mim. A Eleanor aborrece-se facilmente. E eu podia perder-me de tal maneira nos pormenores, horas de conversas, caminhos errados que levavam a caminhos certos, que a faziam sempre esperar pelo seu final feliz.

— Então, és uma contadora de histórias. Aposto que te vais tornar escritora.

— Escrevo poesia.

Nunca falo a ninguém sobre os poemas que escrevo, provavelmente porque suspeito que são maus. No entanto, não consigo parar de os escrever, enchendo cadernos com versos, frases inacabadas e associações agradáveis de palavras, quando devia estar a elaborar um ensaio sobre a Revolução Russa.

O Gabriel toca com os dedos na coletânea de Emily Dickinson sobre a manta, entre nós.

— Uma poetisa — diz. — Foi o que achei.

— Uma poetisa má. Talvez até terrível.

— Não digas isso. Tens de te enganar e pensar que já és aquilo que te queres tornar. É o que o meu pai diz. Escreves, logo és escritora.

Faz-se um momento de silêncio, e depois ele diz:

— Eu também escrevo. — E reconheço a timidez com que o confessa.

Sorrimos, talvez ambos a pensar a mesma coisa. Dois aspirantes a escritores, dois sonhadores, dois adolescentes solitários à espera de que as suas vidas comecem. Quem diria que teríamos tanto em comum?

— Que tipo de coisas?

— Um romance que comecei vezes sem conta. Desmorona-se sempre no mesmo ponto, cerca de setenta páginas depois.

— É sobre o quê?

— Tenho vergonha de dizer.

— Por acaso tem como protagonista um rapaz de uma casa grande com um gosto duvidoso por roupa?

O Gabriel fica com um ar cabisbaixo e sinto uma repentina aversão por mim própria. Porque me estou a comportar assim? Não o conheço suficientemente bem, e o meu humor é claramente mal interpretado.

— Desculpa. Estou a provocar-te, mas não devia. Sei melhor do que ninguém como tudo isto é doloroso.

— Tens razão quanto ao aspeto autobiográfico. A personagem principal é uma mulher bêbeda. Uma mulher bonita, num casamento infeliz com um homem muito mais velho. A única coisa que quero na vida é escrever romances. Costumava querer ser um Graham Greene. Mas depois li *Lucky Jim*, de Kingsley Amis, e tudo mudou para mim. É um livro muito engraçado, mas também ousado. É esse tipo de romancista que gostava de ser. De correr riscos. De surpreender as pessoas. Um *bestseller* antes dos trinta anos, se tiver sorte. Pronto. Conte-te o meu segredo mais íntimo. Já te podes rir de mim.

— Não me quero rir de ti — respondo. — Quero retirar todas as coisas más que disse. Podemos começar de novo?

Desta vez sou eu que lhe estendo a mão para ele a apertar.

— És uma rapariga estranha, Beth Kennedy — diz ele, pegando-me na mão.

— Estranha no bom ou no mau sentido?

— No bom, sem dúvida. O meu tipo de estranha. Tenho um sexto sentido para estas coisas.

A luz começa a desaparecer do céu quando me levanto para me ir embora. Estamos a falar há várias horas.

— Levo-te até à estrada — diz o Gabriel.

— Vais acompanhar-me para fora das vossas terras?

— É mais aproveitar os últimos minutos contigo.

Sinto uma onda de prazer ao ouvir estas palavras, não que o demonstre.

— Quando apareces outra vez?

Gosto do facto de, para ele, ser uma conclusão inevitável voltarmos a ver-nos.

— No fim de semana?

— Vem na sexta-feira à noite. O lago é mágico à noite.

Atravessa-nos um *frisson* desajeitado quando nos despedimos, como se devêssemos apertar as mãos ou beijar-nos ou algo assim, mas não fazemos nem uma coisa nem outra.

— Então, adeus — digo.

— O *tweed* vai diretamente para o caixote do lixo — exclama ele, enquanto me afasto.

— Ótimo — exclamo de volta.

Na curva da estrada, viro-me para acenar e sinto os seus olhos seguirem-me até eu desaparecer de vista.

1968

De todas as fantasias que tive ao longo dos anos de reencontrar o Gabriel Wolfe, levar o seu filho e o seu cão morto para casa nunca foi uma delas. O Leo vai sentado no banco de trás do *Land Rover*, o cão envolvido num casaco velho do Frank. O seu choro dilacera-me até aos ossos.

De vez em quando, o Gabriel tenta realizar a tarefa impossível de nos apaziguar a ambos e de desculpar o cão.

— Foi por instinto — diz ao filho. — Não podíamos adivinhar que ele ia fazer aquilo. Os *lurchers* foram criados para caçar e matar. O senhor da quinta fez a única coisa que podia fazer. Tinha de o impedir.

— Ele matou o *Rocket* — replica o Leo.

— Oh, querido — diz o Gabriel, com uma leve entoação que me faz pensar na sua mulher americana. — Ele tinha de proteger os cordeiros.

O Gabriel di-lo sem grande convicção, e eu compreendo-o. Como é que um leigo pode avaliar o verdadeiro custo para um criador de gado de perder o seu rebanho? Não é o dinheiro, embora contemos com a venda de cada cordeiro para nos mantermos durante os meses de inverno. É o desgosto de ver os animais mortos. O terror absoluto do rebanho ao ver os seus a serem massacrados. Cinco meses a cuidar de uma ovelha preñe, a alegria do nascimento da cria, que não diminui por mais

vezes que o testemunhemos, para depois perdermos o cordeiro numa morte selvagem e sangrenta.

Mesmo assim, a dor do rapaz é difícil de suportar.

— Desculpa — digo.

— Beth?

Olho de relance para o Gabriel. Não perdeu nada da sua beleza com a idade.

— A culpa não é tua.

É surreal vê-lo assim, uma pessoa normal, um pai a lidar com um filho desolado, em vez do *alter ego* que me habituei a ver nos jornais e revistas. Gabriel Wolfe, *enfant terrible* do mundo literário. Desde a altura em que o conheci, o Gabriel tornou-se aquilo que mais desejava: um autor respeitado. O seu primeiro romance, publicado quando tinha apenas vinte e quatro anos, foi um *bestseller*; o seu sonho tornara-se realidade no espaço de seis anos. A combinação de uma escrita arrojada com a sua indiscutível boa aparência fez com que a atenção da imprensa continuasse a crescer. Se o mundo editorial tivesse estrelas de *rock*, o Gabriel seria Mick Jagger, e a sua mulher bela e loura seria Marianne Faithfull. E as nossas vidas, a dele e a minha, tornaram-se opostas. Eu era agora a mulher de um agricultor, os meus dias eram preenchidos por manhãs amargamente frias, a magia de um cordeiro a nascer ao amanhecer.

Não teria mudado um só segundo.

Viramos para os portões de Meadowlands. A casa de infância do Gabriel continua a ser uma das moradias mais bonitas que alguma vez vi. Parece um castelo em pequena escala, com a sua bela pedra amarelada; degraus que sobem até uma enorme porta de carvalho; janelas em arco, com as molduras pintadas de azul-claro. Sempre gostei das janelas azuis. Ainda bem que não as mudaram.

O Gabriel sai do *Land Rover* e carrega o volume com o cão em direção a casa, seguido pelo filho.

— Deixo-vos, então — grito-lhes.

O Gabriel vira-se, com um ar perplexo.

— Não sei o que fazer com o cão.

— Deviam enterrá-lo.

Penso no Bobby, o meu menino sensível, em como enterámos cada pássaro, cada coelho, uma centena de pequenos funerais.

— Onde?

— Não tens propriamente falta de espaço, pois não? — digo, e ele lança-me o olhar de soslaio de sempre.

Como nos transformámos rapidamente nas nossas personalidades do passado, ele, o filho do latifundiário, eu, a rapariga intensamente dissonante.

Mas já não somos o que éramos. Ele é pai, e eu fui mãe, as nossas identidades estão tão fundidas como antes estavam separadas. Nunca se pode voltar atrás depois de se ter tido um filho, mesmo que esse filho já não exista.

O Leo diz:

— Tenho uma ideia para o sítio. Queres vir connosco, Beth?

Pergunta-o de forma extremamente educada — tendo em conta que acabámos de lhe matar o cão — e olha diretamente para mim com os seus grandes olhos castanhos. Os olhos do Bobby também eram castanhos; eu costumava dizer que eram da cor da lama acabada de pisar. Ele ria-se sempre disso.

— Vamos lá, então. Vamos arranjar um sítio agradável.

Atravessamos o relvado verde perfeito e passamos por uma casa na árvore que é nova em relação aos meus tempos, o Gabriel deve tê-la construído para o Leo. Penso no quanto o meu filho a teria adorado, um rapaz que era perfeitamente feliz a deslizar

por uma pilha de fardos de feno ou a andar de trator com o pai, que nunca foi mimado com brinquedos, mas que compreendia todos os dias, como o Frank, a glória da nossa quinta.

— Para onde vamos? — pergunto, e o Leo responde:

— Para o lago.

O Gabriel olha para mim e sorri, mas é um sorriso de arrependimento, como se a dor das recordações fosse a mesma para ele. Não posso permitir-me pensar nisso. Quando a minha relação com o Gabriel terminou, há muitos anos, fiquei devastada durante algum tempo e depois fiz o que qualquer mulher que se preze faria: fechei-lhe a porta, a ele. Ensinei-me a pensar no Gabriel como alguém que pertenceu à minha adolescência, uma primeira paixoneta, pouco mais para mim do que a minha breve fixação pelo cantor Johnnie Ray. Ver o Gabriel de novo, assim, no lugar onde outrora significámos tanto um para o outro, poderia abalar-me até ao âmagô, se o permitisse.

Pai e filho escolhem um lugar debaixo de um dos salgueiros.

— Se fores buscar umas pás, ajudo-te a cavar — digo.

Enquanto o Gabriel se ausenta, eu e o Leo ficamos ali, a olhar para o lago.

O Leo já não está a chorar, mas olha para a água com tristeza. Pergunto-me se sentirá estranheza por ficar sozinho comigo, uma desconhecida.

— Achas que vais gostar de viver aqui?

— Duvido. Tenho saudades dos meus amigos. E não gosto dos miúdos da minha turma. São maus.

— Quem é a tua professora? A professora Adams? É simpática, não é?

— Acho que sim — diz ele, com uma pronúncia americana. O seu sotaque vai e vem, certas palavras soam americanas, mas na maioria das vezes parece mais inglês. — Como é que a conheces?

— O meu filho andava na tua escola.

Tive dois anos para praticar, mas nunca se torna mais fácil, esperar pela pergunta seguinte.

— Que idade tem ele?

— Morreu há dois anos. Tinha nove.

— Quase a mesma idade que eu.

O Leo leva as minhas palavras à letra, como só uma criança consegue. Mas depois, num gesto tão amável e inesperado que me deixa sem fôlego, pega-me na mão.

— Tens saudades dele, não tens? — pergunta.

— Tenho — respondo, e o Leo deve sentir o ardor na minha voz, porque me aperta a mão rapidamente.

Quando o Gabriel volta com três pás, uma para cada um de nós, eu e o Leo continuamos no mesmo lugar. Não falamos, mas há uma sensação peculiar de paz entre nós. Talvez seja da proximidade deste rapaz, que não é o meu menino, mas há uma energia e uma doçura que me trazem o Bobby de volta.

A escavação é laboriosa e física. O solo é demasiado duro para fazermos grandes progressos, e o Leo desiste rapidamente e senta-se a cerca de um metro de distância, a observar.

Eu e o Gabriel continuamos a cavar em silêncio durante algum tempo. Então, digo:

— Soube que a tua mãe está a viver na Austrália.

Ele olha para mim.

— Apenas dez mil quilómetros nos separam. Afinal de contas, parece que existe um Deus.

— Claro que existe um Deus, pai — replica o Leo.
— Porque haverias de pensar que não existia?

— É só uma maneira de falar. Estou a brincar.

— O pai não gosta muito da minha avó — comenta o Leo, em tom de confiança.

— Não consigo imaginar porquê.

Tinha-me esquecido do riso do Gabriel, de como se entrega a ele até se tornar tão contagiante que não consigo deixar de rir também, a contragosto; ou melhor, apesar do que sinto pela mãe dele.

— A Beth teve um filho, pai — diz o Leo. — Mas morreu. Ela ainda está muito triste.

O riso morre em nós, instantaneamente.

— Oh, eu sei — responde o Gabriel, olhando para todo o lado menos para mim. — Quis escrever-te, mas depois não tinha a certeza... Não sabia se tu...

— Tudo bem — digo. — A sério.

Encontro-me muitas vezes nesta situação: a gerir a estranheza das outras pessoas em relação à minha dor, à minha perda. Mas falar com o Gabriel sobre o Bobby, uma criança que ele nunca conheceu, vai magoar-me de uma forma muito específica.

— Não. Devia ter-te escrito, pensei tanto em ti, mas...

— Gabriel?

— Sim?

— Pára. Por favor.

— Está bem. Mas posso dizer uma coisa?

— Desde que não seja um pedido de desculpa. Detesto isso.

A minha voz é mais dura do que eu pretendia. Mas os intermináveis pedidos de desculpa deitam-nos abaixo. Os olhos suaves e tristes, os tons reverentes: dão-me vontade de gritar.

— Há alguma forma de sermos amigos? — Estende a mão num gesto que me faz lembrar o nosso início.

Penso, olhando para o rosto ansioso do Gabriel, no quanto gosto dele. Sempre gostei. Apesar de tudo.

Estendo a mão para a sua, por cima da campa.

— Amigos — digo.

Antes

O Gabriel está à espera ao fundo do acesso à casa, mas olha para o lado errado, como se se tivesse esquecido de que direção venho. Isso dá-me um segundo para o observar. Esta noite está vestido com roupas escuras — uma camisola azul-marinho, calças cinzentas —, e a vinte metros a sua silhueta é longa e magra. Não consigo ver o seu rosto, mas absorvo tudo o resto, a sua estatura, a sua leveza; a forma como passa uma mão pelo cabelo, a outra enfiada no bolso das calças.

— Já estou com saudades do *tweed* — digo, e ele dá meia-volta.

Instantaneamente, estamos a sorrir um para o outro. Sorrisos largos e tolos. Será que isso significa que ele sente o mesmo? Esta semana tem sido quase insuportável, a minha cabeça só a pensar no Gabriel, a repetir todas as conversas de que me lembrava, a perguntar-me se teria imaginado a sensação de ligação.

— Ficas muito diferente com as tuas próprias roupas. — Quero com isto dizer que ele é lindo. De uma forma quase impressionante.

Estamos a poucos centímetros um do outro e tenho uma vontade irreprimível de o beijar. Só por um segundo. Para ver como me sentiria, para ver o que ele faria. Em vez disso, afastome. Tenho a sensação de que o Gabriel consegue ler todos os pensamentos que me passam pela cabeça.

— Não tinha a certeza se virias — diz ele.

— Não havia perigo de isso acontecer.

Sou recompensada com o seu sorriso lento, à medida que ele absorve o que eu disse.

O Gabriel criou um caminho até ao lago com uma dúzia de velas a arder dentro de frascos de compota. Em frente à água, há uma pequena mesa de jogo coberta com uma toalha branca e posta com copos de vinho, facas e garfos de prata, uma jarra de rosas rosa-pálidas no centro. Há duas cadeiras de madeira dobráveis com almofadas e mantas nas costas para o caso de ficar frio, o que é improvável porque, a alguns metros de distância, está uma fogueira acesa numa taça rasa e baixa de ferro fundido. A Lua começou a subir lentamente, tornando tudo à nossa volta branco-prateado: os salgueiros, a superfície do lago, até a relva brilha como se fosse feita de cristal. É a coisa mais romântica que alguma vez vi: um palco montado para dois.

— É maravilhoso. Tiveste imenso trabalho.

— Eu disse-te, tenho demasiado tempo livre. Infelizmente, a minha mãe apanhou-me em flagrante, por isso agora está toda agitada a querer informações. Não te preocupes, fi-la prometer que não viria cá abaixo.

— Não me importava de conhecer a tua mãe — digo, e o Gabriel ri-se.

— Eu lembro-te disso quando a conheceres.

Serve-nos um copo de vinho. Há frango e salada de batata, tomate e alface da estufa. Um pequeno frasco de compota com molho vinagreta. E ali está o Gabriel, a desatar o lenço com padrão *paisley* que traz ao pescoço, antes de sorrir para mim e levantar o copo.

— Aos intrusos — diz, e tocamos os copos.

É estranho, os retalhos de histórias que contamos a alguém quando queremos que fiquem a par, um atalho para nos conhecerem, como se tal fosse possível.

Digo ao Gabriel que a minha família é irlandesa, ou pelo menos o meu pai, apesar de ter nascido em Londres e de a família se ter mudado para Shaftesbury quando ele tinha oito anos. Nunca viveu na Irlanda e não tem qualquer vestígio de sotaque, mas anseia por ela na mesma.

— Uma vez disse-me que se sentia mal em Inglaterra. Como se tivesse sido retirado do seu *habitat* natural. Perguntei-lhe como era possível, quando ele mal tinha posto os pés em solo irlandês. Ele disse que era apenas uma sensação que tinha. Que devia ser a sua herança genética e que estava gravada nos seus ossos, quer ele gostasse quer não. Sabia apenas que, na Irlanda, as peças de repente se encaixariam nos seus lugares.

A minha mãe é uma rapariga de Dorset, nascida e criada, como eu. Conheceu o meu pai aos dezasseis anos e está com ele desde então. Frequentaram a mesma escola de formação de professores e casaram logo após o curso, tendo ambas as filhas nascido antes dos seus vinte e cinco anos. Adoram-se com uma devoção simples e inabalável, e por vezes penso que isso nos deixou, a mim e à Eleanor, com expectativas românticas inatingíveis. Como podemos ter esperança de seguir o seu exemplo?

Falamos de religião. O catolicismo para mim, outra herança do meu pai, a escolaridade com freiras desde os cinco anos.

— Como são elas, as vossas freiras?

— Algumas são fixes. Outras podem ser bastante desagradáveis, nomeadamente a diretora. Tem as suas preferidas, e, infelizmente, não sou uma delas. Felizmente, só tenho de aguentar mais um ano antes da liberdade.

O Gabriel vai para Oxford estudar na Balliol College, onde o pai e o avô também andaram. Pensa que vai ter os mesmos aposentos que o pai, com vista para o pátio central.

— Ter-te-iam aceitado mesmo que fosses bronco?

— Provavelmente. O diretor é do tempo do meu pai, continuam bons amigos.

O Gabriel ri-se, talvez à espera de que eu também o faça.

Olho para o meu prato, disposta a não dizer nada, enquanto a minha indignação arde. É tudo tão fácil para alguém como o Gabriel, com o seu futuro traçado desde o nascimento.

— Sei que estás a pensar que é injusto. Mas podias ir para Oxford se quisesse, Beth. Há muitas faculdades que admitem mulheres hoje em dia. Podias candidatar-te a St. Anne's. Só se tornou uma faculdade recentemente e é bastante radical, para os padrões de Oxford.

Na minha escola, nunca ninguém foi para Oxford ou Cambridge. Muito poucas chegam à universidade. As que ficam até ao sexto ano parecem muitas vezes considerá-lo uma perda de tempo, à espera de que o tiro de partida as lance para uma vida de filhos e domesticidade, como se estas coisas fossem o Santo Graal.

— Tu gostas de literatura — insiste o Gabriel, quando vê que não digo nada. — Em Oxford tens o melhor ensino do mundo. Nem imaginas como são as bibliotecas. São belos edifícios cheios de primeiras edições. Têm manuscritos de Gerard Manley Hopkins e Shelley. Pensa em todos os escritores que passaram por lá antes de ti. Estarias a caminhar pelas mesmas ruas que Oscar Wilde e T. S. Eliot.

— Alguma mulher?

— Se isso te importa, hei de descobrir algumas.

Mudamos as cadeiras para junto da fogueira quando a noite começa a arrefecer. O Gabriel alimenta o lume com mais troncos, agita as brasas com um atiçador e sopra sobre as chamas até que elas se avivam pelo ar. As estrelas parecem brilhar mais aqui do que no nosso jardim; as mesmas estrelas, colocadas como joias num céu azul-marinho.

— Está a fazer-se tarde — digo. — Vou ter de ir para casa em breve.

— Fica mais cinco minutos. Dez. A noite passou demasiado depressa.

Algo muda na atmosfera. O olhar do Gabriel faz-me acelerar o coração. Inclina-se para a frente na cadeira e encosta a sua boca à minha. Um beijo tímido e suave.

— Quis beijar-te a noite inteira.

— Porque demoraste tanto?

O Gabriel ri-se, e adoro a forma como isso o anima. Tenho quase sempre a sensação de que ele está a observar, mas, quando se ri, baixa a guarda.

— Estava nervoso, suponho. Não tinha a certeza se sentias o mesmo. — Pega-me na mão e puxa-me para o seu colo.

Voltamos a beijar-nos, e desta vez é tudo, a sua língua procura a minha, hesitante, depois mais confiante. Comprimimo-nos um contra o outro, beijamo-nos profundamente, os nossos dedos entrelaçam-se.

Não sabia que um beijo podia ser assim, que nos podíamos perder nele, sem pensamentos na cabeça, com o corpo todo aceso sob o toque e o sabor do outro.

O Gabriel acompanha-me desde Meadowlands, nos arredores da aldeia, até à nossa casa, no coração da povoação. Junto ao portão, voltamos a beijar-nos, uma despedida casta na face, para o caso de os meus pais estarem a ver da janela do andar de cima.

— É muito cedo para dizer que já gosto mais de ti do que de qualquer outra pessoa que alguma vez conheci? — pergunta o Gabriel.

Não consigo parar de sorrir enquanto sigo pelo acesso à casa.

Ao som da chave na porta da frente, o meu pai sai a correr da cozinha. Estava claramente à minha espera.

— Olha para essa cara — diz ele quando me vê. — Meu Deus, acho que a minha bebé está apaixonada.

— Pai — protesto, rindo. — Pára.

Mas subo as escadas a flutuar até à cama, a conter a emoção das suas palavras. Talvez seja isso, este sentimento nunca antes experimentado, euforia, excitação, uma espécie de felicidade furiosa. Talvez o amor seja isto.

«Poderoso.»
The Sun

«Magistral.»
Booklist

«Arrebatador.»
USA Today

Beth e o seu amável marido, Frank, têm um casamento feliz, mas ambos guardam segredos, e a sua relação depende do facto de o passado permanecer enterrado. Mas quando Jimmy, o cunhado de Beth, mata um cão que invade a quinta onde moram, Beth não se apercebe de que o tiro irá alterar o rumo das suas vidas. O cão pertencia a Gabriel Wolfe, o homem que Beth amava na adolescência e que lhe partiu o coração.

Gabriel regressou à aldeia com o seu filho Leo, um rapaz que faz lembrar muito a Beth o seu próprio filho, que morreu alguns anos antes num trágico acidente. À medida que Beth é puxada de volta para a vida de Gabriel, as tensões na aldeia aumentam e perigosos segredos e ciúmes do passado ressurgem, desta vez com consequências fatais. Beth é, então, forçada a fazer uma escolha entre continuar a ser a mulher que se tornou ou transformar-se na mulher que um dia desejou ser.

Uma história de amor arrebatadora com o ritmo de um *thriller*
sobre escolhas impossíveis, consequências devastadoras
e o legado do primeiro amor



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-583-661-1



9 789895 836611